



C A P Í T U L O 3

A posição semântica no humor de Austin

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0352616013>

Tiago da Cruz Santos

Mestrando em Letras pela Universidade do Estado da Bahia Campus X – PPGL.

RESUMO: Este artigo busca investigar as noções semânticas de implicatura presentes no humor de Austin, baseando-se em (CANÇADO, 2005), que apresenta a definição de implicatura na semântica, (POSSENTI, 2002) com as definições de humor e (RAJAGOPALAN, 2000), apresentando os trechos e problematizações do humor em Austin. Logo, as contribuições de implicatura se dão por fatores didáticos utilizadas pelo autor com intuito principal de tornar suas teorias mais acessíveis e com maior dimensão acadêmica.

PALAVRAS-CHAVES: Implicatura, semântica, humor.

The semantic position in Austin's humor

ABSTRACT: This article seeks to investigate the semantic notions of implicature present in Austin's humor, based on (CANÇADO, 2005), who presents the definition of implicature in semantics, (POSSENTI, 2002) with the definitions of humor and (RAJAGOPALAN, 2000), presenting the excerpts and problematizations of humor in Austin. Therefore, the contributions of implicature are given by didactic factors used by the author with the main aim of making his theories more accessible and with a greater academic dimension.

KEYWORDS: Implication, semantics, humor.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca-se investigar as implicaturas semânticas de Austin publicado por seu amigo J. O. Urmson e posteriormente em nova edição por Urmson e Marina Sbisa. A obra de nome *How to do things Word* inicialmente seria publicado pelo próprio Austin que por causas naturais não pode fazê-lo. As anotações eram de uso comum e rotineiro para preparação de suas apresentações em Harvard 1955, *The William James Lectures*.

Apresentar as reflexões de Austin pode resultar em maior dimensão do autor que na academia é pouco utilizado, sendo visto comumente na pós graduação, enquanto suas teorias são relevantes desde a graduação e estudos importantes para a formação docente, nesse sentido a divulgação de estudos linguísticos por meio da semântica e pragmática interessa mais o leitor e por consequência a academia. Assim, disciplinas e teorias que estão 'engatinhando' no meio acadêmico ganham maior arranque.

As dúvidas e conflitos causados pelo enredo "diferentão" de apresentação em suas palestras em Harvard causou alvoroço à época, momento em que a filosofia dava poucas brechas para ousadia de maneira que a comicidade de Austin ora tinha desatenção de outros estudiosos e ora atraía curiosos para se aproximarem de suas teorias, é bem verdade que há evidências suficientes para mencionar que Austin tenha utilizado do cômico de propósito, mas não para causar fissura entre intelectuais, mas como método de exibição de seus estudos, sobretudo sua teoria de atos de fala. Veja-se que sua demonstração em palestras também era um ato de fala, teoria que apresentará definição mais a frente neste artigo sob reflexão de Cançado (2005). Nesse ínterim, cabe pensar como se apresenta o fenômeno semântico apresentado no humor de Austin?

Logo, aqui será dividido em três partes, sendo a primeira sob definição do que é semântica segundo CANÇADO (2005) e TRUJILLO (2012). Já o segundo tópico tem contribuição das definições de humor com amparo em POSSENTI (2002) e RASKIN (1985). Terceiro tópico iremos refletir a respeito dos pontos significativos no humor de Austin e por derradeiro, contribuições de análise apoiado na teoria da pragmática de RAJAGOPALAN (2000).

SEMÂNTICA

Para início de conversa é importante apontar os trajetos em que a semântica tenha passado, aqui trataremos a respeito das definições de semântica, assim como seu processo de maturação enquanto estudiosos da língua.

Dentro da linguística há várias vertentes de estudos que podem desencadear em novas formas de ver e analisar a língua. Com a semântica não foi diferente, uma vez que a linguística é a raiz ao qual emerge já “No século XIX surgiu a necessidade de criar, dentro da Linguística, uma área autônoma do significado, e é então que emerge a semântica como uma divisão importante da Ciência da Linguagem”. (2012, p.2, TRUJILLO). À princípio a semântica visa simplesmente estudar questões de alterações de significado por meio de critérios e classificações específicos.

Na semântica atual há pontos importantes que difere de suas primeiras escolas, uma delas é que não há necessidade de orientação unilateral histórica, ainda que mudanças de significado tenham atenção de estudiosos, (TRUJILLO, 2012), aponta que resultou em equívoco alteração na importância oferecida a semântica descritiva. Não menos importante dizer que os interesses de mercado e acadêmicos permeiam a relação entre linguagem e pensamento, não mais considerado a linguagem um simples instrumento de expressão dos pensamentos, mas influência que pode pré-determinar especificidades. Vejamos no tópico a seguir especificidades da semântica.

Para Cançado, semântica é:

O ramo da linguística voltado para a investigação do significado das sentenças. Como assumimos que o linguista busca descrever o conhecimento linguístico que o falante tem de sua língua, assumimos, mais especificamente, que a semântica busca descrever o conhecimento semântico que o falante tem de sua língua. (CANÇADO, p. 15, 2005).

Aqui é problematizado a respeito das noções de significado, seus requisitos pré- definidos, por meio de abordagem na sintaxe. Portanto a estrutura que deve ter um componente semântico de uma gramática para resultar em condições favoráveis de adequação descritiva.

A semântica enquanto uma série de questões metateóricas trata de explicar a capacidade do falante de usar e compreender um número infinito de enunciados a partir de uma experiência necessariamente limitada, isto é, fundada em um número finito de enunciados. Essa capacidade do falante deve-se a sua habilidade linguística de formar um conjunto de regras recursivas que projetam o conjunto finito de enunciados encontrados por ele, no conjunto infinito de enunciados da língua. (TRUJILLO. p. 7, 2012).

É importante saber que o componente semântico é interpretativo, não gerativo, devido à ausência de informação nova àquelas já contidas em indicadores sintagmáticos gerados por meio de componentes sintáticos, isso traz à luz complexos significantes entidades formais abstratas. O leitor deve ter ciência que há especificidades de estudos na semântica, como; semântica gerativa que se fundamenta na estrutura profunda, conceito de implicações epistemológicas. A semântica estrutural que é formada por fenômenos de solidários.

O HUMOR E SUAS DEFINIÇÕES

Para Possenti (2002), o humor tem relevância com a linguagem de forma indissociável, tal maneira é de apresentar o humor que por meio de ambiguidade imposta pelo enunciador ao enunciatário do texto a piada surge efeito nas relações linguísticas em consonância aos conhecimentos do indivíduo e de seu meio. A guiza de saber, a piada acontecendo que irei chamar de intervalo, que é/são as palavras usadas para que o texto tome o sentido que o enunciatário demonstra para causar o riso. “O humor é condicionado a uma percepção de incongruência apropriada. Esse conceito implica que o humor acontece de acordo com a apreensão de uma estrutura de ideias e não como decorrências da reação a certas ideias, motivos ou acontecimentos”. (ORING, 1992:81).

Portanto, seguindo a ideia do referido autor as piadas são de natureza cultural, cujo enunciados podem ser variantes semânticos de dada sociedade. Para o importante autor que esclarece a respeito do humor com significativas obras nessa área do conhecimento intitulada *O Riso* compilado de artigos que conceitua o Humor, Charles Bergson afirma que o riso é de natureza exclusiva do humano e que esse não é tangível a animais doutra espécie.

É importante informar que a obra de Bergson (1987), tem cunho de apresentar o humor por meio de sua face social, portanto, há um fator moralizante que é exibido não somente com a finalidade do riso, mas para divulgação, críticas e outros que são maneiras de apresentar demandas sociais.

Destarte, a questão central a ser definida por Bergson é que o humor tem posição de organizar uma sociedade, equilibrando-a. Essas ideias são diferentes as que defende Saliba (2002), pois para ela o humor vem do social, todavia não expressa responsabilidade em balancear a vida humana. Logo, a ideia de correção de costumes não é corroborada pela autora, assim como afirma Possenti (2002), quanto a linguagem e discurso empregados a piadas indaga que “se é verdade que existem piadas que criticam, não se deve esquecer que elas, de fato, reproduzem, e só indiretamente, discursos que circulam de alguma forma.” (POSSENTI, 2002,

p. 49). Aqui é tratado a respeito do humor enquanto linguagem e discurso, vale ressaltar que as contribuições de Possenti sobre, são importantes para o fator linguagem, todavia é importante frisar que este usa de forma didática e sutil sobre o humor com sua obra destinada ao público não especialista em linguística. O que provém a ser positivo para o público alvo que busca entender no campo semântico e pragmático a forte presença de pesquisadores em diversas áreas da língua(gem) com termos que possibilitam entendimento claro.

Destarte, para Alberti o riso não é designado somente à espécie humana, mas de formagradativa e linear transportou-se, pois “a expressão do riso ultrapassa o gênero humano e se estenderia aos nossos ancestrais primitivos, os macacos” (ALBERTI, 2002, p. 182). Estas alegações são reproduções da linha de entendimento de Charles Darwin em sua obra *Expressões das emoções no homem e nos animais*.

Segundo Raskin (1985), é necessário ter percepção da linguagem para compreensão de uma piada ou uma categoria de humor que discerne da escrita e fala: A determinação do número de leituras (significados) de cada sentença; o resgate do conteúdo de cada leitura; detecção de anomalias semânticas e percepção de relações entre sentenças. Raskin descreve esses elementos compartilhando da tese do linguista Chomsky e também valendo-se de Fry grande contribuinte em linguagem. Raskin (1985), defende que o humor há vários discursos, para ele essa categoria de elementos pode causar outras emoções que diferem o riso, como medo e repulsa, no entanto defende que a ideia primária é ser engraçado. A respeito dos discursos sobrepostos. Portanto, para compreensão de uma piada faz necessário o conjunto desses elementos ao ouvinte/leitor.

O autor trabalha com a ideia semântica da piada entre o falante e ouvinte estabelecendo um elo afetivo de percepção da impulsão de quem deseja contar uma piada, ou seja fazer rir, com quem espera o desfecho para dar risadas, essas relações são também psicológicas de maneira que não faz necessário variar em temas para resultar em riso.

METODOLOGIA

O documento a ser analisado requer critérios para que os principais objetivos do pesquisador sejam alcançados, de maneira que, não se pode esquecer que seguir informações de fontes seguras é essencial para pesquisas científicas adequadas, a norma de pesquisa. Portanto, o método a ser adotado será de caráter bibliográfico, partindo de um fenômeno concreto, a linguagem em uso na obra, para um fenômeno abstrato, relações sociais experimentadas pelo sujeito da linguagem. Sua aplicabilidade se dará através da análise e descrição de trechos apontados por Austin na obra *How To do Things With Words*, que são anotações feitas por Austin para apresentações na Universidade de Havard e Oxford.

Em etapas estabelecidas abaixo, a partir da consulta e aplicabilidade de fontes primárias e secundárias. Segundo Gil (1987), é preciso estar alerta sobre os cuidados que o pesquisador deve ter para não confundir o método de sua pesquisa e não pôr em risco a análise dos dados de uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa documental, “a única diferença entre ambas está na natureza das fontes” (GIL, 1987. pág.71).

Portanto, essa pesquisa trata-se uma abordagem qualitativa voltada ao nicho bibliográfico, uma vez que é utilizando de matéria já impresso e publicado que iremos nos cercar para o alcance apresentado na introdução, aqui iremos utilizar de materiais como livros, artigos, teses e outros que já foram publicados e não apresentam dificuldade de acesso. Para que se alcance o objetivo de análise, o caminho percorrido será de utilizar da obra de Kanavilil Rajagopalan em Nova Pragmática.

É sob o ponto de vista da análise da pragmática e semântica que pretendemos obter fontes vivas para análise, é importante ressaltar que há desafio em traçar paralelo no humor de Austin, todavia a rica e potencial pesquisa tem viés para que seja mais bem explorada em outros campos dos estudos, explanar o processo, tanto de escrita quanto de performance do humor/sátira interessa tanto ao semantista quanto ao analista de discurso e historiadores, estudiosos interessados ao tema. Logo, essa pesquisa tem validade linguística e é nesse âmbito que trilha esse artigo.

RAJAGOPALAN E O HUMOR EM AUSTIN

Antes de irmos direto ao ponto de análise com os trechos de comicidade de Austin é importante citar as controvérsias causadas pelo autor que ao brincar com as palavras nos coloca em reflexões sobre o valor de verdade adotado por ele, logo, Austin estaria descrevendo de forma séria a comicidade ou era apenas para descontrair o público? Essas e outras indagações foram levantadas também por Rajagopalan (2000), que no seu livro de conjunto de artigos nomeado por Nova Pragmática coloca o leitor em ponto de alerta de que, apesar do tom cativante de Austin, é importante lembrar que todo autor tem uma intenção e que a ingenuidade do leitor deve ser deixada de lado nestes casos.

Jacques Derrida (1977b), assinala a impossibilidade de se saber ao certo quando alguém (incluindo nós mesmos) está falando seriamente num dado momento. (RAJAGOPALAN, p. 247, 2000). Agora, vejamos que Austin diz “não é difícil, nem polêmico. O único mérito que gostaria de reivindicar para esta exposição é o fato de ser verdadeira pelo menos em parte.” (AUSTIN, 1962a:1). Claramente, o autor usa da dúvida causada para causar ainda mais dúvida no leitor sobre o ponto de verdade em suas anotações, novamente, o leitor ingênuo não perceberia que a jocosidade utilizada por ele não traz definições, pois não é apontado qual ponto é de seriedade ou qual seria verdade e qual seria falsidade de suas falas que julgaria polêmicas para aqueles que estivessem atravessados por uma teoria clássica e menos maleável da filosofia. “Compreensivelmente a linguagem, em tais circunstâncias, não é levada ou usada a sério, mas de forma parasitária em relação a seu uso normal, forma que se inclui na doutrina do estiolamento da linguagem.” (AUSTIN, 1962a 22).

... e a contínua descoberta de novos tipos de sentenças sem sentido resultou. Grosso modo, em um bem, por mais assistemáticas que fosse sua classificação e misteriosa sua explicação. Contudo, até mesmo nós, os filósofos, estabelecemos certos limites para a quantidade de sentenças sem sentido que estamos dispostos a admitir... (AUSTIN, 1962a:2).

É com essa descrição que apontamos que Austin utiliza do fenômeno semântico de implicatura que é uma noção estritamente pragmática que Cançado (2005), aponta que “depende exclusivamente do conhecimento extralinguístico que o falante e o ouvinte têm sobre um determinado contexto [...] A implicatura conversacional, que está relacionada ao uso da língua. Logo, faz necessário que o leitor tenha breve conhecimento, não somente de mundo, mas também a respeito do autor na tentativa de identificar suas nuances e brincadeiras linguísticas. “O texto de Austin que nos é apresentado não pode de forma alguma ser tomado ao “é da letra, ou, poderíamos dizer conotativamente, mas sim com uma boa pitada de sal.” (RAJAGOPALAN, p. 145). Aqui Austin utiliza desta para, também se divertir, porém sua comichão não está evidente, mas implícita de maneira que o leitor desatento não o percebe, pois assim como assinala Rajagopalan.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Austin é ousado em pontuar que na filosofia há espaço para o humor deixando explícito em suas apresentações de Harvard e suas anotações, O autor utiliza de sua teoria de atos de fala numa maneira de externá-la ao público, assim, suas teorias seriam melhor digeridas quando fosse utilizado artefatos linguísticos que facilitassem o entendimento.

É nesse contexto que cabe o humor, Austin não foi ingênuo e assim como já pontuava que apesar do tom jocoso, deveria haver seriedade, sobretudo no humor. Como tomado de partida as noções semânticas de Cançado (2005), a respeito das implicaturas semânticas, aqui cabe ressaltar que Austin utiliza destas com o principal intuito de cativar seu público. Portanto, o que está submerso numa frase humorística de Austin é que não se deve levar tão a sério o pesquisar, mas sim a sua pesquisa.

Diferente de Warnock, estudioso dos escritos de Austin, que frequentemente busca pontuar que se deve fechar os olhos ao tom cômico de Austin, aqui pontuo justamente o oposto. Austin utiliza desses tons, logo não é benefício de o leitor fazer vista grossa para o que o autor descreve explicitamente em texto a fim que o perceba. *How to do things words* se apresenta não mais como meros manuscritos de Austin, mas como inteligência clara de buscar holofote por meio das implicaturas semânticas.

REFERÊNCIAS

- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 1987.
- POSSENTI, Sírío (2010). *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto. 183 pp. ISBN:978-85-7244-480-4. Disponível em:
- <https://periodicos.unb.br/index.php/raled/article/view/33545>. Acesso em: 02. Dez. 2021.
- CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica: noções básicas*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
- RASKIN, Victor. *Linguistic heuristics of humor: A script-based semantic approach*. International Journal of Society and Language, v.65, p. 11-25, nov., 1987.
- RASKIN, Victor. *Semantic mechanisms of humour*. Dordrecht, Netherlands: D. Reidel, 1985.
- ATTARDO, Salvatore; RASKIN, Victor. *The general theory of verbal humor*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1994.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- RAJAGOPALAN, Kanavilil. *Austi's Humorous style of philosophical discourse in light of scherempp's interpretation of oring's 'Incongruity Theory' of humor*. Humor na international journal of humor. Research, vol 13 n. 3. 2000. p. 287-311.
- TRUJILLO, Albeiro Mejia. *Semântica, pragmática e tradução*. Revista InterteXto / ISSN:1981-0601 v. 5, n. 2 (2012).
- ULLMANN Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 4 ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.
- SAID ALI, Manoel de. *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. 2 ed., Rio de Janeiro [Edição da "Organização Simões"], 1951.
- HJELMSLEV. Louis. *Ensaio Linguísticos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.